

# ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 10 • 2001/2002



CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS  
2001/2002

**ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS**  
Volume 10 • 2001/2002      ISSN: 0872-6086

COORDENADOR E  
RESPONSÁVEL CIENTÍFICO – João Luís Cardoso  
DESENHO – Bernardo Ferreira, salvo os casos  
devidamente assinalados  
PRODUÇÃO – Gabinete de Comunicação / CMO  
CORRESPONDÊNCIA – Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras  
Fábrica da Pólvora de Barcarena  
Estrada das Fontainhas  
2745-615 BARCARENA

Aceita-se permuta  
*On prie l'échange*  
*Exchange wanted*  
*Tauschverkehr erwünscht*

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E  
REVISÃO DE PROVAS – João Luís Cardoso  
MONTAGEM, IMPRESSÃO E ACABAMENTO – Europress, Lda. – Tel. 21 938 14 50  
DEPÓSITO LEGAL N.º 97312/96

## **OS ESFERÓIDES DE CALCÁRIO DO POVOADO PRÉ-HISTÓRICO DE LECEIA (OEIRAS) E SUAS POSSÍVEIS FINALIDADES**

João Luís Cardoso<sup>1</sup>

### **1 – INTRODUÇÃO**

Ao longo de sucessivas campanhas de escavações dirigidas no povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras) pelo signatário, foram recolhidos diversos artefactos esferoidais de calcário, para os quais, até ao presente, não se encontrou explicação satisfatória. Tal não é, também, o objectivo principal deste contributo, confinados como estamos ao campo das conjecturas sobre tão enigmáticos objectos, mas tão-somente o de os dar a conhecer, chamando a atenção para paralelos de outras estações pré-históricas portuguesas, discutindo-se, com base nas principais características identificadas, as suas possíveis finalidades. Tomando como determinante a matéria-prima utilizada (o calcário ou o calcarenito brando), não serão considerados os exemplares produzidos noutros tipos rochosos, como o arenito silicioso (de que se conhece um exemplar, entre outros, de Leceia, oriundo de antigas colheitas), ou o basalto, correspondente a corpos naturais relacionados com projecções lávicas. Um exemplar destes foi recolhido em Leceia, com a superfície totalmente ocupada por vacúolos correspondentes a libertações gasosas, no decurso do arrefecimento e um outro na sepultura da Bela Vista (Colares), considerado pelos autores como “esfera de funda de arremesso” possuindo o diâmetro de 41 mm (MELLO *et al.*, 1961, pp. 242). Seja como for, a presença de um corpo desta natureza, ainda que natural, num monumento funerário implantado em meio geológico ocupado por rochas granitóides, deixa antever uma particular importância conferida a tal objecto, que deve ser devidamente sublinhada.

### **2 – INVENTÁRIO**

As peças esferoidais de calcário inventariadas distribuem-se pelas Camadas 4, 3 e 2, pertencentes, respectivamente, ao Neolítico Final, ao Calcolítico Inicial e ao Calcolítico Pleno da Estremadura, cujas balizas

---

<sup>1</sup> Agregado em Pré-História. Professor da Universidade Aberta, Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (C.M.O.)

cronológicas já por diversas vezes foram apresentadas (CARDOSO, 1997, 2000). Uma análise dimensional empírica conduziu à sua separação em três grupos dimensionais, a saber:

- esferóides de tamanho pequeno – até cerca de 45 mm de diâmetro máximo;
- esferóides de tamanho médio – até cerca de 75 mm de diâmetro máximo;
- esferóides de grande tamanho – acima de 75 mm de diâmetro máximo.

A distribuição estratigráfica das peças em apreço é a seguinte (ver Fig. 4 para a sua localização na área escavada):

#### **Camada 4 (Neolítico Final)**

- 1 – Pequeno esferóide completo, com a superfície finamente polida. Diâmetro máximo: 45 mm (Fig. 1, n.º 2);
- 2 – Grande esferóide limitado a uma calote, de superfície muito irregular, toscamente afeiçãoada por percussão e picotagem. Diâmetro máximo calculado: cerca de 95 mm (Fig. 1, n.º 5);

#### **Camada 3 (Calcolítico Inicial)**

- 3 – Grande esferóide completo, totalmente afeiçãoado por picotagem e ulterior polimento. Diâmetro máximo: 108 mm (Fig. 1, n.º 1);
- 4 – Esferóide de tamanho médio, limitado a cerca de metade, totalmente afeiçãoado por picotagem e ulterior polimento. Diâmetro máximo calculado: cerca de 70 mm (Fig. 1, n.º 4);
- 5 – Grande esferóide quase completo, totalmente afeiçãoado por picotagem e ulterior polimento. Diâmetro máximo: 120 mm (Fig. 2, n.º 1);
- 6 – Grande esferóide, de tendência achatada, totalmente afeiçãoado por picotagem e ulterior polimento. Diâmetro máximo: 130 mm (Fig. 2, n.º 2);
- 7 – Grande esferóide de tendência achatada, totalmente afeiçãoado por polimento. Diâmetro máximo: 125 mm (Fig. 3, n.º 1);
- 8 – Grande esferóide totalmente afeiçãoado por polimento, com pequenas zonas denunciando prévia formatação por picotagem. Diâmetro máximo: 108 mm (Fig. 3, n.º 2);
- 9 – Esferóide de tamanho médio, limitado a porção de calote, totalmente polido. Diâmetro máximo calculado: 70 mm (Fig. 3, n.º 3);

#### **Camada 2 (Calcolítico Pleno)**

- 10 – Fragmento de esferóide de tamanho médio, afeiçãoado por picotagem e ulterior polimento grosseiro. Diâmetro máximo calculado: cerca de 72 mm (Fig. 1, n.º 3);

- 11 – Esferóide de tamanho médio, reduzido a cerca de um quarto do seu volume inicial, apresentando a superfície cuidadosamente afeiçãoada por polimento. Diâmetro máximo: 64 mm (Fig. 1, n.º. 6);
- 12 – Fragmento de esferóide de tamanho médio, com a superfície picotada e grosseiramente polida. Diâmetro máximo: 72 mm (Fig. 3, n.º. 4);
- 13 – Pequeno esferóide achatado, reduzido a cerca de metade, quase totalmente polido (Fig. 3, n.º. 5).

### 3 – COMPARAÇÕES

Os treze esferóides estudados distribuem-se pelas seguintes camadas:

- Camada 4 (Neolítico Final) – 2 exemplares;
- Camada 3 (Calcolítico Inicial) – 7 exemplares;
- Camada 2 (Calcolítico Pleno) – 4 exemplares.

No concernente à distribuição por classes dimensionais, verifica-se o seguinte:

- dois são pequenos (até cerca de 45 mm de diâmetro);
- cinco são médios (até cerca de 75 mm de diâmetro);
- seis são grandes (superiores a 75 mm de diâmetro).

Evidencia-se uma particular concentração dos grandes exemplares na Camada 3, a que pertencem cinco, dos seis inventariados.

Sobre a respectiva funcionalidade, é de admitir que os dois exemplares de menores dimensões, pudessem ser utilizados como balas de funda. Foi essa a atribuição feita ao mais pequeno dos dois, da Camada 2, em estudo anteriormente publicado, sendo então o único conhecido (CARDOSO, 1989, Fig. 103, n.º. 4). Já Carlos Ribeiro tinha reportado a tal função dois esferóides de calcário oriundos do dólmen da Pedra dos Mouros (Sintra) (RIBEIRO, 1878, Fig. 11, 12) com, respectivamente 49 mm e 61 mm de diâmetro. Porém, a regularidade de um deles, de calcário sub-cristalino branco e o seu excelente acabamento (por observação pessoal, no Museu do Instituto Geológico e Mineiro), deixa em aberto outra possibilidade, a de constituírem peças de particular interesse e utilização especial, justificando-se deste modo a sua presença em contextos funerários como oferendas.

Foram compulsados outros exemplares análogos, oriundos de diversos monumentos dolménicos alentejanos:

- do dólmen de S. Gens (Nisa), de onde provém uma esfera de mármore perfeita, finamente polida, com 75 mm de diâmetro, seg. LEISNER & LEISNER, 1959, Tf. 1, 1, 4; trata-se de lapso, já que a peça possui cerca de 40 mm de diâmetro e, de acordo com a etiqueta nela aposta na época da descoberta, provém do dólmen de Vendas, do referido concelho (coleções do Museu do Instituto Geológico e Mineiro);
- do dólmen de Sobreira 1 (Elvas), que forneceu também uma esfera perfeita de mármore branco, de dimensões semelhantes (45 mm de diâmetro) e de acabamento mais grosseiro que a anterior (LEISNER

& LEISNER, 1959, Tf. 10, 2, 9); convém, no entanto, referir que esta peça deve, na verdade, reportar-se ao vizinho dólmen de Texugo 2, conforme é indicado pelos autores da publicação original (DEUS & VIANA, 1953, Fig. 22 b).

- do dólmen de Entreáguas 1 (Mora), de onde provém exemplar muito parecido com o anterior e também com 45 mm de diâmetro (LEISNER & LEISNER, 1959, Tf. 23, 4, 16).

Com efeito, o facto de todos os exemplares ostentarem cuidado acabamento, sugere a hipótese de corresponderem a peças destinadas a funções de carácter muito específico. Idêntica atribuição é válida para os diversos exemplares homólogos, todos de calcário ou de calcário cristalino a sub-cristalino (mármore), recolhidos em diversos monumentos funerários estremenhos.

Sem preocupações de exaustividade, compulsaram-se as seguintes ocorrências:

- três esferas, uma com 69 mm, outra com 45 mm e a última com 53 mm de diâmetro, das *tholoi* de S. Martinho (Sintra) (LEISNER, 1965, Tf. 30, n.º 17), evidenciando picotagem e polimento das superfícies;
- duas esferas (uma incompleta) da sepultura complexa, parcialmente escavada na rocha, da Praia das Maças (Sintra), uma com 75 mm e a outra com 81 mm de diâmetro.

Tendo presentes as classes dimensionais anteriormente definidas, verifica-se que três das peças se inscrevem na categoria de menor tamanho (a única que seria compatível com a hipótese de balas de funda), quatro pertencem ao grupo de tamanho médio e apenas uma corresponde a exemplar de grandes dimensões.

Ainda na Estremadura, encontram-se registados diversos esferóides de calcário ou de calcarenito em grutas naturais utilizadas como necrópoles no decurso do Neolítico e do Calcolítico.

Da gruta da Casa da Moura (Óbidos), provém quatro exemplares, alguns de calcarenito muito fino, respectivamente com os diâmetros máximos de 29 mm (2), 38 mm e 65 mm, todos eles com superfícies regularizadas por polimento, embora o maior com marcas evidentes de picotagem (CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002). Importa referir que, daquela gruta, provém uma placa com concavidade em calote de esfera, correspondente ao negativo de um dos esferóides de menores dimensões, com 45 mm de diâmetro; o conjunto pode, deste modo, ser interpretado como destinado á moagem de cosméticos, corantes ou unguentos.

Da gruta do Carvalhal de Aljubarrota provém duas esferas de calcário, com superfície picotada e corroída (particularmente numa delas), com respectivamente 69 mm e 56 mm de diâmetro (SPINDLER & FERREIRA, 1974, Abb. 15, n.º 108 e 109).

Da gruta da Cova da Moura (Torres Vedras) provém também esferas de calcário, regulares e bem acabadas, uma com 36 mm de diâmetro, outra com 48 mm (SPINDLER, 1981, Tf. 10, n.º 102 e 103).

Também das grutas do Poço Velho (Cascais) provém uma esfera de calcário perfeita, finamente polida (PAÇO, 1941, Est. XIX, c), com o diâmetro de 68 mm.

#### 4 – AS CONCLUSÕES POSSÍVEIS

Do exposto, parece poder excluir-se que a análise das peças em apreço deve atender, por um lado, ao tamanho, e, por outro, à maior ou menor perfeição do acabamento, sempre por picotagem, seguida nalguns casos de polimento. Verifica-se que a presença de acabamento cuidado, por polimento, é independente do tamanho; peças de grandes dimensões, como algumas de Leceia, evidenciam cuidado polimento. Esta característica, não é suficiente para afastar a hipótese dos exemplares mais perfeitos serem balas de funda (no caso das menores), ou corresponderem às chamadas “bolas” de arremesso, para caçar, fixadas à extremidades de cordas que se volteavam no ar antes do arremesso sobre a presa, utilizadas por todo o Velho Mundo e em África desde o Paleolítico Inferior (no caso dos exemplares de tamanho médio) e, ainda em época sub-actual, na América do Sul (CLARK, 1955, Pl. VI).

Na procura de explicações para a utilização destas peças, foi anteriormente apresentada a possibilidade de poderem corresponder a marcas ou pedras de jogo (CARDOSO, 1997, p. 63), designadamente os exemplares de grandes e médias dimensões, independentemente do seu grau de acabamento. Na verdade, a insistente presença de esferóides de calcário no povoado pré-histórico de Leceia, que contrasta, como seria de esperar, com a escassez de objectos de carácter ritual indubitável, própria dos sítios habitados, indica a ligação de tais peças ao quotidiano dos habitantes do povoado; mais concretamente, não custa relacioná-las com as múltiplas actividades lúdicas seguramente ali desenvolvidas pelas muitas centenas de pessoas que, sucessivamente, o ocuparam, desde o Neolítico Final ao Calcolítico Pleno.

Assim se explicaria, também, a presença de algumas peças similares, depositadas como oferendas rituais em sepulcros da época, a par de muitas outras de uso quotidiano, sem afastar a hipótese de os exemplares de menores dimensões poderem efectivamente corresponder a balas de funda, compatíveis com as suas características específicas. A este propósito, importa ter presente as numerosas balas de pedras esféricas (pelo menos 10), de época indeterminada, mas seguramente proto-histórica, ou já histórica, achadas na alcáçova de Santarém (ARRUDA, VIEGAS & ALMEIDA, 2002, p.167), cujos diâmetros variam entre 25 mm e 85 mm: a sua função, como projecteis, é indubitável.

Enfim, certos casos particulares, como a bela esfera marmórea de acabamento particularmente cuidado da anta de Vendas (Nisa), conservada no Museu do Instituto Geológico e Mineiro, não poderá deixar de sugerir utilização simbólica, até por corresponder a matéria-prima exógena ao local.

As possíveis finalidades das bolas de pedra de recolha avulsa, efectuadas por Estácio da Veiga no Algarve, com destaque para exemplar oriundo de Cacela, de calcário com “picado fino e polido” e para uma outra, de maiores dimensões, que o mesmo encontrou no monumento 1 de Alcalar foram abordadas e discutidas, com inegável cuidado e perspicácia por aquele grande arqueólogo; importa, por isso, transcrever algumas passagens do que então escreveu, a este propósito (VEIGA, 1887, pp. 399-401); depois de rejeitar, acertadamente, a hipótese de Carlos Ribeiro do exemplar da Pedra dos Mouros, acima referido, ter servido como molde para a confecção de recipientes esféricos, declara: “as bolas de pedra, e principalmente as de grande diametro, como era a que descobri no *dolmen coberto* de Alcalá, podem ter tido um culto religioso na

antiguidade, como representando uma idéia, uma superstição, talvez mesmo a configuração da lua (...), ao passo que outras esferas de menores dimensões, como é a de Cacella (...) permettent antes suppor que o *jogo da bola* tivesse origem n'esse tempo, e se transmitisse aos numerosos povos que ainda hoje o conservam”.

As observações do eminente arqueólogo oitocentista permanecem actuais, só podendo ser reforçadas por outras, ulteriores, que insistem no significado mágico destas esferas, associadas a cultos litolátricos e telúricos com origens no Paleolítico.

É, com efeito, nesta linha que foram interpretadas as esferas, todas de calcário (exceptuando algumas bolas de sílex do topo da acumulação), constituindo um amontoado regular e intencional, encontrado *in loco* com numerosos artefactos de sílex mustierenses à mistura, nas proximidades de uma nascente em El-Guettar, no sul da Tunísia (GRUET, 1955). Deste modo, o autor conclui que “Le cairn d’El-Guettar est édifié avec des sphères et non avec des caillou informes; ce fait renforce encore notre idée qu’il s’agit d’un cairn d’offrande. Les pierres sphériques et lisses (...) sont de “bonnes pierres”, des pierres plaisantes, des pierres bénéfiques pour tous les primitifs (...). Quelle que soit son explication, ce lien de sympathie entre la pierre lisse et l’homme incline alors ce dernier à faire de celle-ci le support et le messenger de ses intentinos, se ses voeux, de ses prières.

C’est ainsi que les Berbères peu arabisés d’Afrique du Nord déposent empilés près des tombes des saints hommes, ou en d’autres lieux consacrés (...), des sphères de pierre de la grosseur du poing pour matérialiser leurs prières. Ce sont les kouer (sing. Koura). Ces pierres s’imprègnent alors de l’influence bénéfique du lieu sacré; en les touchant, en les reprenant, on s’assurera la contagion de cette baraka”. Este costume teve outrora equivalente no nosso País, nas pedras atiradas pelos viandantes da serra do Marão para junto das cruzes funerárias que pontuam os caminhos (CHAVES, 1917, p. 72). Retomando a transcrição do autor francês, lê-se: “Les Nagas de l’Assam ont en honneur quantité de pierres régulièrement polies qui sont pour eux la résidence d’un esprit ou d’une puissance. Les plus ovoïdes de ces pierres assurent à leur propriétaire abondance de riz comme la Koura des berbères assure abondance de blé.

La baraka en tant qu’influence mystique s’apparente aussi à cet autre pouvoir occulte que R.-H. Codrington nous a fait connaître sous le nom de “mana” chez les Mélanésiens qui eux aussi font un grand usage de pierres dont les formes lisses ou évocatrices révèlent la puissance.

(...). Le *genius loci* auquel s’adressait l’hommage des boulets polis, des os et des sílex du cairn d’El-Guettar, est évidemment l’esprit de cette source artésienne dont la puissance et la vie étaient révélées par la danse perpétuelle du sable soutenu par ses eaux agitées”.

Esta longa transcrição justifica-se por ilustrar a função ritual, ligada à produção de cereais em populações actuais ou sub-actuais de artefactos similares aos recolhidos em Leceia, para além de outras, com destaque para os cultos telúricos ligados à renovação da vida, com raízes muito mais profundas desde, pelo menos, o Paleolítico Médio, como é ilustrado pelo achado de El-Guettar. Será nestes termos que as esferas de Leceia podem ser também interpretadas, como testemunho material de cultos agrários ou telúricos; se assim é, encontra-se justificada a sua relativa escassez em contextos funerários, contrastando com a sua relativa abundância neste importante povoado calcolítico.



Mas a particular concentração, evidenciada em Leceia, de exemplares de grandes dimensões, na Camada 3 (Calcolítico Inicial), correspondente à época de edificação e utilização da imponente fortificação ali identificada, poderá revelar, ainda, uma utilização prática relacionada com o uso de catapultas, ou outras armas neurobalísticas, no decurso de eventuais assédios à fortaleza. Com efeito, embora não esteja comprovada arqueologicamente, a existência de tais armas não seria de estranhar, visto já então se encontrar plenamente conhecido, através de arcos de flechas, o efeito propulsor produzido pela tensão de troncos ou fibras vegetais.

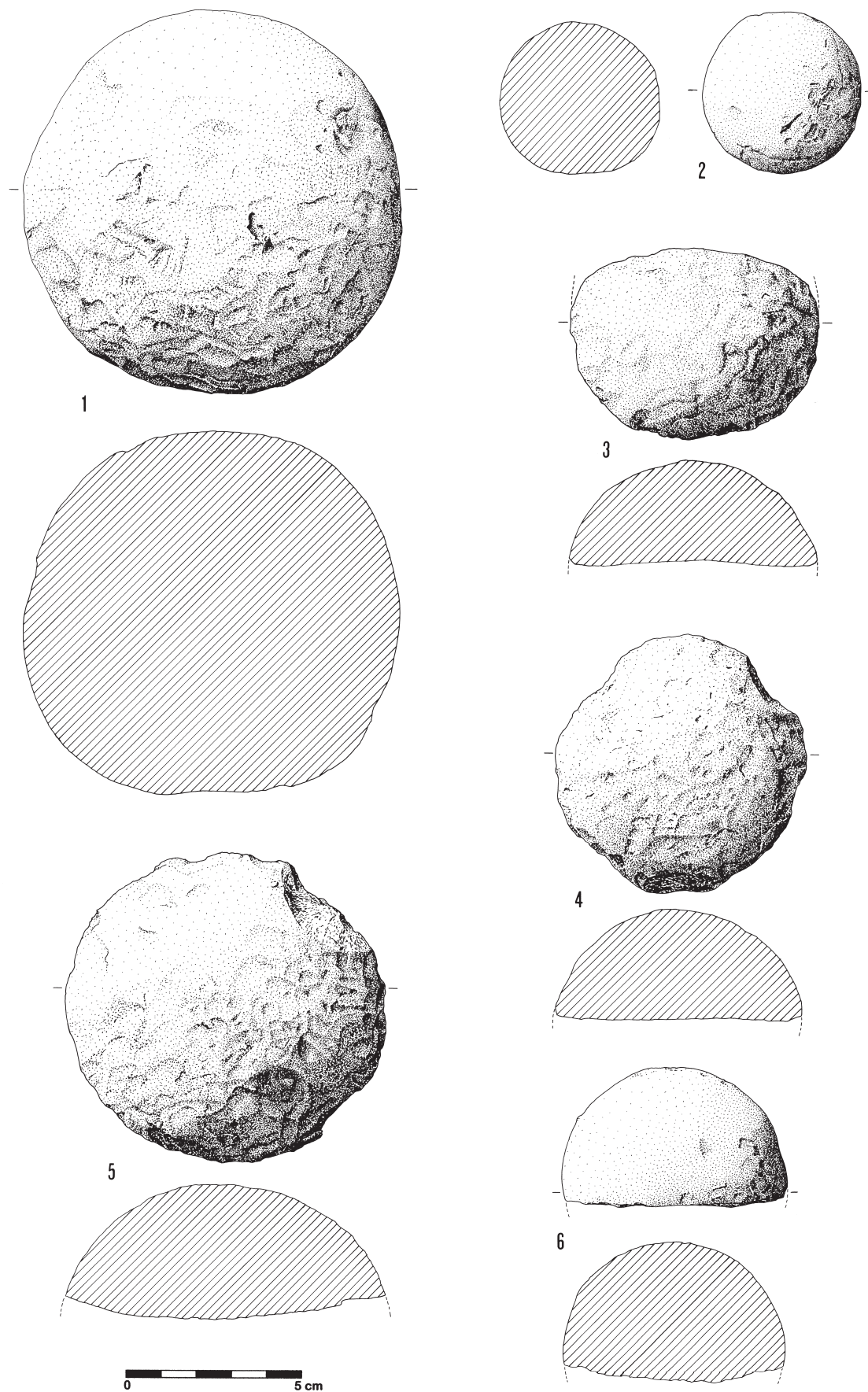
Em suma: os esferóides ora estudados, embora sejam peças de morfologia e acabamento semelhantes e produzidos em matérias-primas idênticas, poderiam destinar-se a uma gama diversificada de utilizações, sem ignorar a possibilidade de significado mágico-simbólico, sendo, neste aspecto, particularmente sugestiva a esfera marmórea recolhida na anta de Vendas (Nisa). Tomando como princípio um destino essencialmente funcional e ligado ao quotidiano, até por ser frequente a sua ocorrência em Leceia, teríamos, para os menores, utilização provável como balas de funda; os de tamanho médio, poderiam ser usados como “bolas” de volteio à maneira dos seus homólogos sul-americanos, aplicadas tanto na caça como na guerra ou, ainda, simplesmente como marcas de jogo; enfim, os exemplares de maiores dimensões poderiam ser utilizados como projecteis de catapulta, dada a particular concentração destas peças no momento de plenitude da fortificação calcolítica de Leceia; tudo isto sem esquecer, obviamente, o significado litolátrico ou telúrico destes corpos esféricos, ou/e a sua conotação a ritos agrários.

Seja como for, uma realidade avulta, da análise conjunta destes exemplares: a escolha de uma matéria-prima fácil de trabalhar foi deliberada, tendo presente o objectivo final de produzir peças esféricas e de superfícies regulares, correspondentes a uma gama muito diferente de dimensões, que faz pressupor diversas finalidades, entre as quais as acima indicadas.

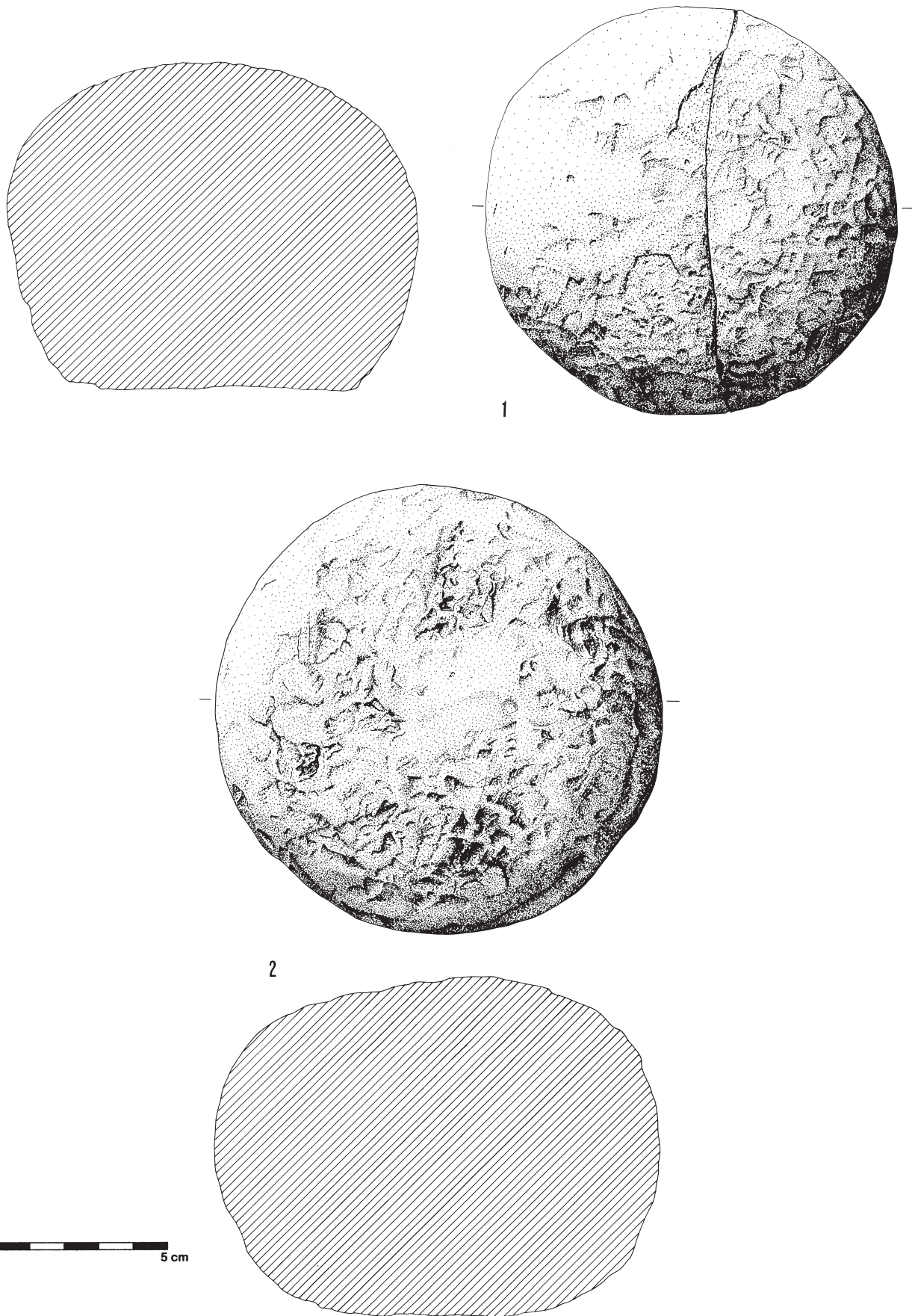
## **BIBLIOGRAFIA**

- ARRUDA, A. M.; VIEGAS, C. & ALMEIDA, M. J. (2002) – De Scallabis a Santarém. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, 215 pp.
- CARDOSO, J. L. (1989) – *Leceia. Resultado das escavações realizadas 1983-1988*. Oeiras, Câmara Municipal de Oeiras, 146 pp.
- CARDOSO, J. L. (1997) – *O povoado pré-histórico de Leceia sentinela do Tejo no terceiro milénio antes de Cristo*. Lisboa/Oeiras: Museu Nacional de Arqueologia/Câmara Municipal de Oeiras, 128 pp.
- CARREIRA, J. R. & CARDOSO, J. L. (2001/2002) – A gruta as casa da Moura (Óbidos). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 10 .

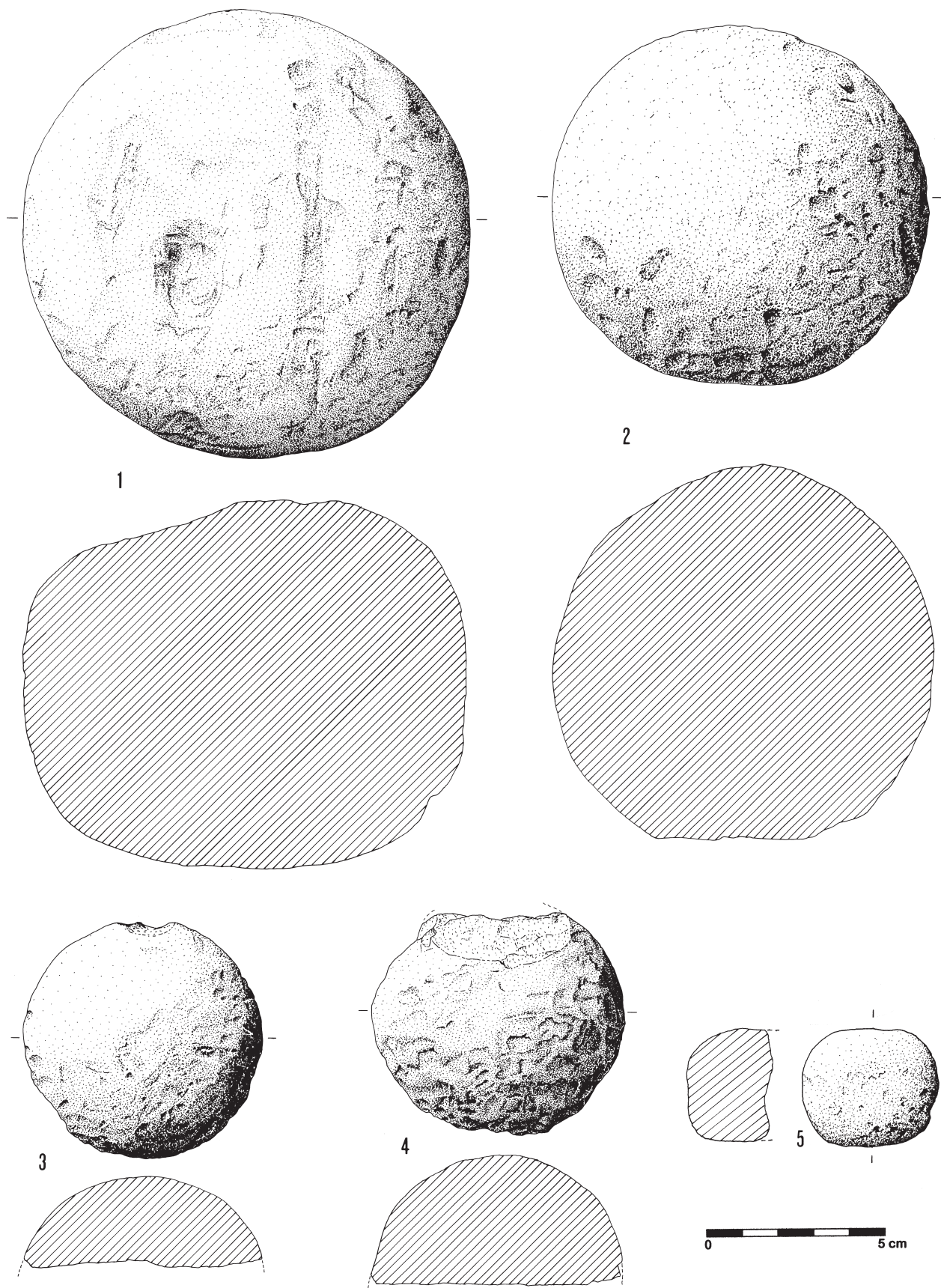
- CHAVES, L. (1917) – Sobrevivências neolíticas de Portugal. Vestígios líticos, em concordância ou paralelismo, e na toponímia. *Arquivo da Universidade de Lisboa*. Lisboa. 4, pp. 55-81.
- CLARK, J.-D. (1955) – The stone ball: its associations and use by Prehistoric Man in Africa. *Actes du II Congrès Panafricain de Préhistoire* (Alger, 1952). Paris, pp. 403-417.
- DEUS, A. Dias de & VIANA, A. (1953) – Mais três dólmenes da região de Elvas (Portugal). *Zephyrus*. Salamanca. 4, pp. 227-240.
- GRUET, M. (1955) – Amoncellement pyramidal de sphères calcaires dans une source fossile moustérienne a El-Guettar (sud tunisien). *Actes du II Congrès Panafricain de Préhistoire* (Alger, 1952). Paris, pp. 449-460.
- MELLO, O. A. P. de; FORTUNA, V.; FRANÇA, J. C. & FERREIRA, O. da Veiga (1961) – O monumento pré-histórico da Bela Vista (Colares). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 45, pp. 237-249.
- LEISNER, V. (1965) – *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen*. Tafeln. Berlin: Walter de Gruyter & Co. (Madrider Forschungen Band 1/3).
- LEISNER, G. & LEISNER, V. (1959) – *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen*. Berlin: Walter de Gruyter & Co. (Madrider Forschungen Band 1/2).
- PAÇO, A. do (1941) – As grutas do Poço Velho ou de Cascais. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 22, pp. 45-84.
- RIBEIRO, C. (1880) – *Notícia de algumas estações e monumentos prehistoricos. II – Monumentos megalithicos das vizinhanças de Bellas*. Memoria apresentada à Academia Real das Sciencias de Lisboa. Lisboa: Typographia da Academia. 86 pp.
- SPINDLER, K. (1981) – *Cova da Moura*. Verlag Philip von Zabern (Madrider Beiträge, 7). Mainz am Rhein.
- SPINDLER, K. & FERREIRA, O. da Veiga (1974) – Das vorgeschichtliche fundmaterial aus der gruta do Carvalho/Portugal. *Madrider Mitteilungen*. Heidelberg. 15, pp. 28-76.
- VEIGA, S. P. M. Estacio da (1887) – *Antiguidades Monumentaes do Algarve. Tempos prehistoricos*. Lisboa: Imprensa Nacional, 2, 609 pp.



**Fig. 1** – Esferóides de calcário do povoado pre-histórico de Leceira (Oeiras)



**Fig. 2** – Esferóides de calcário do povoado pre-histórico de Leceira (Oeiras)



**Fig. 3** – Esferóides de calcário do povoado pre-histórico de Leceira (Oeiras)

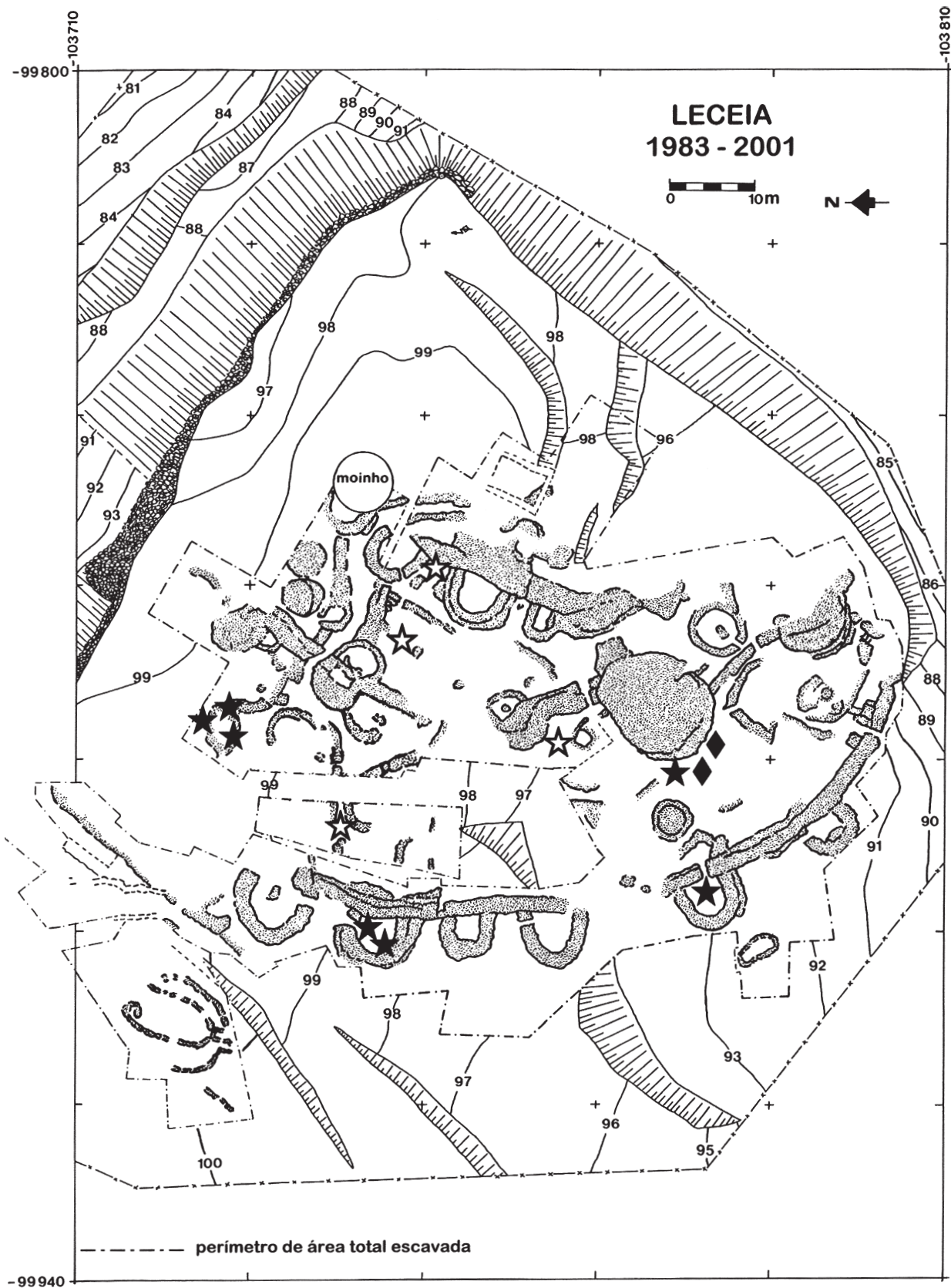


Fig. 4 – Distribuição dos esferóides de calcário recolhidas no povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras) pela área escavada.